

## Correia Picanço

### *O fundador do ensino médico no Brasil*

Zília de Aguiar Codeceira  
João Plutarco Rodrigues Lima

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/banco-de-imagens/leg/web/images/ch/248/119689a.jpg>>.



Retrato de José Correia Picanço

José Correia Picanço nasceu no município de Goiana, uma então próspera vila da Província de Pernambuco, em 10 de novembro de 1745. De família humilde, seu pai era cirurgião-barbeiro (na época, uma espécie de enfermeiro prático que cuidava de tratamentos mais simples e dava assistência aos necessitados).

Acompanhando o trabalho do pai, o jovem desenvolve a ideia de seguir-lhe os passos, porém de forma mais abrangente. Já tomara conhecimento das atividades realizadas por médicos na cidade do Recife, bem como por aqueles formados na Europa e trazidos ao Brasil por Maurício de Nassau.

É bom lembrar que, na época, a figura do cirurgião-barbeiro foi de suma importância, pois, na realidade, a medicina, tal como esta é praticada atualmente, só se tornou realidade no século XIX. Poucos foram os médicos que vieram no início de nossa colonização. Os que aqui desembarcaram eram denominados físicos, em sua maioria cristãos-novos fugidos da Inquisição. Muitos eram cirurgiões, os quais se dividiam em três categorias: os “cirurgiões-barbeiros”, os “cirurgiões-aprovados” e os “cirurgiões-diplomados”.

Predominavam os primeiros. Para adquirir o título, bastava saber ler e escrever. E o que faziam eles? Com poucos conhecimentos médicos, realizavam tratamento de fraturas e luxações, curavam feridas, sangravam, aplicavam ventosas, clisteres e sanguessugas, lancetavam abscessos, extraíam dentes e — é claro — cortavam cabelo e faziam barba. Tal situação só começou a mudar com a vinda da família real para o Brasil.

Mas voltemos ao nosso Correia Picanço. Após o aprendizado das primeiras letras, este veio com a família morar no Recife. Dotado de viva inteligência e boa percepção clínica, provável herança paterna, logo foi notado na capital da Província, tanto que o Governador Antonio Francisco de Paula o nomeou Cirurgião-mor. Tinha então 21 anos.

Naquela época, como já dissemos, para o exercício da profissão médica, era suficiente saber ler e escrever, possuir vocação e habilidade manual para dedicar-se à arte de curar. Logo Correia se fez notar, a ponto de conquistar a simpatia do Governador, que o enviou a Lisboa, onde se matriculou na Escola de Cirurgia do Hospital São José. Obteve, então, a licenciatura em Cirurgia. Segue logo para Paris, onde conquista o grau de “Officier de Santé”. Outras distinções lhe foram tributadas, tais como: Professor de Anatomia em Coimbra, Cirurgião do Reino, membro da Real Academia de Ciências de Lisboa, Fidalgo da Casa Real e do Conselho de Sua Majestade, Cavaleiro e Professor Comendador da Ordem de Cristo e Cavaleiro Honorário da Torre e Espada.

No Brasil, segundo o historiador Leduar de Assis Rocha, Correia Picanço foi aclamado o Patriarca da Medicina Brasileira, título concedido no II Congresso Brasileiro de História da Medicina. Foi aluno dos mestres franceses Dessault, Morand e Sebastier. Casou-se com a filha deste último, Catarina Brochot, de cuja união resultaram dois filhos; um tornou-se



“A Chegada da Família Real Portuguesa à Bahia”, de Candido Portinari (1952)

Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/\_MXA3j0m2-HsE/7TR5yCmbecZl/AAAAAAAAAB0E/AbcowC0XkHs/s1600/portinari-chegada-familia-real.jpg>

o Marechal José Correia, enquanto o outro, Antonio Correia Picanço, veio a ser Desembargador.

O Dr. Correia Picanço foi, por alguns anos, médico em Paris. Na sua volta a Lisboa, foi nomeado para a Universidade de Coimbra pelo Marquês de Pombal. Sente-se desprestigiado pelos colegas portugueses por não contar no seu currículo com o Grau de Doutor em Medicina. Mas essa circunstância não o abate.

Perseverante, volta a Paris. Matricula-se na Universidade de Montpellier, onde defende uma tese e obtém o seu cobiçado título de Doutor em Medicina. Volta a Lisboa, reassumindo o cargo de Professor de Anatomia na Universidade da capital portuguesa.

No exercício da cátedra, tem a oportunidade de inovar os métodos pedagógicos, ao introduzir o ensino em anfiteatro, e passa a utilizar, nas suas aulas, cadáveres humanos. Até então, no ensino prático de Anatomia, eram utilizados animais, como o carneiro.

Ainda em Lisboa, Picanço exerceu importantes cargos públicos. Foi, por exemplo, Cirurgião-mor das Forças Armadas Portuguesas, o primeiro médico da Casa Real e membro do Conselho do príncipe regente (futuro D. João VI).

Com as guerras napoleônicas, em 1807, e a ameaça francesa à Portugal, D. João VI, com o apoio da Inglaterra, transfere a Corte para o Brasil. Correia Picanço é um dos membros do cortejo real, que chega à Bahia em 24 de janeiro de 1808. Com prestígio junto ao regente, ele consegue, por meio da Carta Régia, datada de 18 de fevereiro de 1808, homologar a criação da primeira Escola Médica do Brasil em Salvador. A comitiva real segue para o Rio de Janeiro, então sede e capital da Colônia, onde Picanço desenvolve o trabalho para criação da Faculdade de Medicina (a segunda do Brasil), na capital do

futuro Reino. As duas escolas médicas criadas tornaram-se os berços do ensino médico no Brasil, bem como do desenvolvimento do ensino superior em nosso país. Correia Picanço, por sua vez, foi autor de obras científicas de grande valor social e de inestimável importância na medicina sanitária.

Em 1813 e 1815, as citadas escolas passaram a se denominar Academia Médico-Cirúrgica. O poder de conferir o diploma de médico só foi por elas alcançado após a Independência (1826). Em 1832, ambas foram denominadas Faculdades de Medicina, tendo como modelo científico a Faculdade de Medicina de Paris. Estas tornaram-se modelos para as demais criadas no Brasil.

O Dr. Correia Picanço acompanhou com dedicação e zelo toda a longa enfermidade da Rainha, D. Maria I, recebendo do então Rei, D. João VI, como gratidão, a concessão de uma pensão vitalícia de 600 mil reis.

Em 1817, o Dr. Picanço volta ao Recife e, como exímio cirurgião que era, executa a primeira operação cesariana na província.

O pernambucano, aos 76 anos de idade, recebe o título de Barão de Goiana, concedido pelo Imperador D. Pedro I em reconhecimento aos seus relevantes serviços à medicina brasileira.

Correia Picanço faleceu aos 79 anos de idade, em 1824, no Rio de Janeiro, cercado pelo respeito e pela admiração de todos aqueles que com ele conviveram.

**Zília de Aguiar Codeceira**  
Médica Psiquiatra em Recife

**João Plutarco Rodrigues Lima**  
Ex-presidente da Sociedade de Medicina  
e Cirurgia de Campinas

# Elegia e enfermidade

Fernando Gorab Leme

*“Omnis humanos sanat medicina dolores:  
solus Amor morbi non amat artificem.”<sup>1</sup>*

– Propércio

*Passio*, sofrimento, palavra a partir da qual se origina tanto “paixão” quanto “paciente”, representa a elegia com perfeição. Tal gênero poético tem suas raízes nos cantos gregos fúnebres; expressa os sentimentos melancólicos de um eu lírico triste diante da perda de algo ou alguém. Composto de poemas amorosos, de caráter íntimo, que exprimem queixas dolorosas e discorrem sobre a solidão, o sofrimento, o luto, as despedidas, os lamentos e as lamúrias, chorando, dessa forma, a morte de alguém ou um amor perdido.

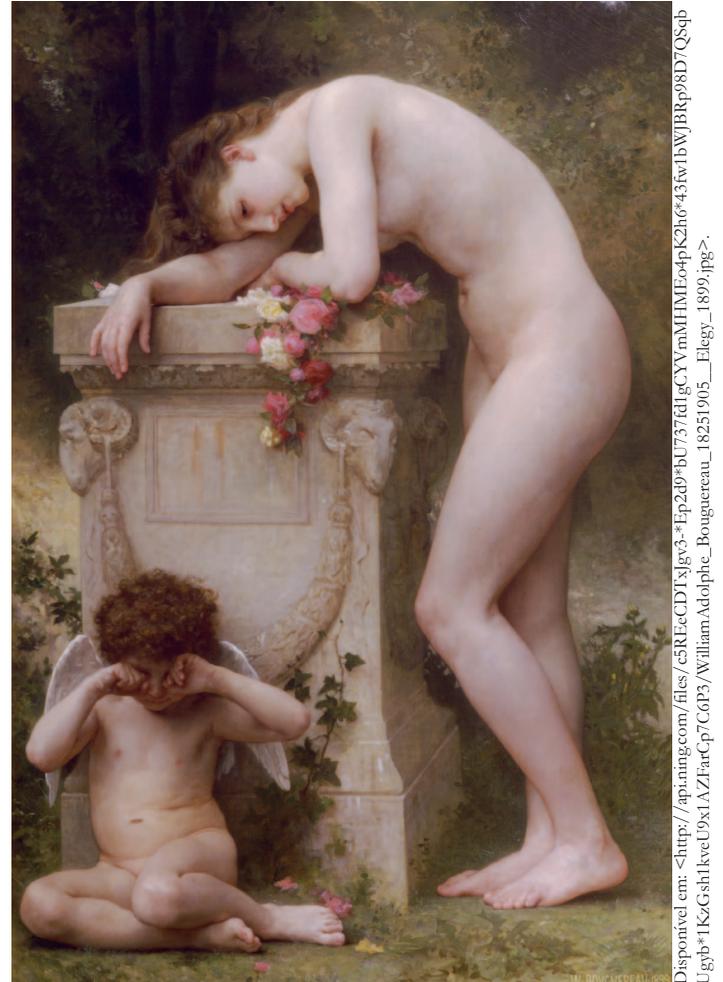
Apesar de sua origem grega, a elegia é um gênero literário romano por excelência, sendo a métrica seu traço mais distintivo: o dístico elegíaco, pares de versos compostos por um hexâmetro (seis pés métricos), seguido de um pentâmetro (cinco pés métricos). Vale lembrar que a contagem de sílabas poéticas das línguas grega e latina difere da do português; também cabe ressaltar que os gregos não se utilizaram de tais dísticos. Esse esquema métrico evoca temas *blandus* (brandos), *tenuis* (tênués), *levis* (leves), *suanis* (suaves) e *mollis* (moles):

*Cum bene surrexit versu nova pagina primo,  
attenuat nervos proximus ille meos.*

Toda vez que uma página nova começa com um  
[primeiro verso,  
o seguinte vem atenuar meu vigor.<sup>2</sup>

A elegia não só trata de temas baixos (aqueles levianos, cotidianos e vulgares) como também recusa os gêneros que tratam de temas altos (extraordinários, superiores, graves, solenes e de linguagem preciosa, como a épica e a tragédia, por exemplo), defendendo a *paupertas* (pobreza), a *inertia* (inércia) e a *infamia* (não fama), recusando o luxo, a riqueza, o engajamento político e militar, a glória e a honra, de modo que o eu lírico se coloca como alguém destituído de uma função social, que vive no *otium* (ócio) para escrever à mulher amada.

A mulher elegíaca é douta e erudita, logo, por tais motivos, a sua poesia é refinada, elegante, alusiva e intertextual. A



“Elegia”, de William Adolphe Bouguereau (1899)

amada se esconde por detrás de uma porta fechada, para não encontrar o poeta. Este, então, coloca-se na posição de servo, a fim de ser dominado por uma senhora infiel, que tem outros pretendentes, o que faz com que o eu lírico sofra e lamente, patológico (do grego πάθος – *pathos*: sofrimento, dor, morte):

*Multi longinquo periere in amore libenter.*

Muitos os que de bom grado morreram vagarosamente  
[de amor.<sup>3</sup>

Enfermo, traído, magoado, abandonado, triste e só, o poeta, mesmo sempre perdendo, continua lutando sua militia veneris (guerra de Vênus), a antítese das guerras épicas, buscando constantemente a amada que não o corresponde:

<sup>1</sup> Existe remédio para todos os males humanos: só o Amor recusa médico para seu mal. *Elegia* II. 1, 57-58. Tradução disponível em: <[http://www.hkocher.info/minha\\_pagina/dicionario/o05.htm](http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/o05.htm)>. Acesso em: 27 abr. 2011.

<sup>2</sup> Ovídio. *Amores*. I. 1, 17-18. Tradução de João Ângelo de Oliva Neto.

<sup>3</sup> Propércio. *Elegia* I. 6, 27. Tradução de Cecília Gonçalves Lopes.

Disponível em: <<http://img.lital.com/image/518793/600full-propercius.jpg>>.



“Propércio e Cíntia em Tivoli”, de Auguste Jean Baptiste Vinchon

*Militat omnis amans et habet sua castra Cupido.*

Todo amante é um soldado, e o Cupido tem seus próprios [campos].<sup>4</sup>

Ovídio personifica a elegia em uma de suas composições, evocando a beleza da amante, a delicadeza dos poemas e a métrica típica:

*Venit odoratos Elegia nexa capillos  
et, puto, pes illi longior alter erat.*

*Forma decens, vestis tenuissima, vultus amantis,  
et pedibus vitium causa decoris erat.*

Eis que chega Elegia, com cabelos cheirosos e trançados e, creio, tinha um pé mais longo que o outro.

A bela forma era decente; a vestimenta, muitíssimo tênue; [o rosto, de amante;

e o defeito no pé era causa do decoro].<sup>5</sup>

Didática, a elegia ensina inclusive os remédios para a incurável doença do amor: evitar o ócio; buscar diferentes atividades; ir à guerra; dedicar-se à agricultura, à pesca, à caça ou às viagens; cortar qualquer tipo de laço que ainda se tenha com a amada; lembrar-se apenas dos sofrimentos por ela causados; vê-la sem maquiagem; aproximar-se de outra puella (moça); afastar-se de pessoas que estão amando; não ler elegias ou poesias amorosas; comparar a amada com as mais belas mulheres; e não beber em moderação (não beber absolutamente nada ou se embriagar constantemente) são alguns dos remédios apresentados. Porém, quando tais remédios funcionam, o paciente pode, infelizmente, voltar a se apaixonar a qualquer momento, provavelmente por alguma pessoa que venha a ser conhecida durante o processo de cura.

<sup>4</sup> Ovídio. *Amores*. I. 9, 1. Tradução de Cecília Gonçalves Lopes.

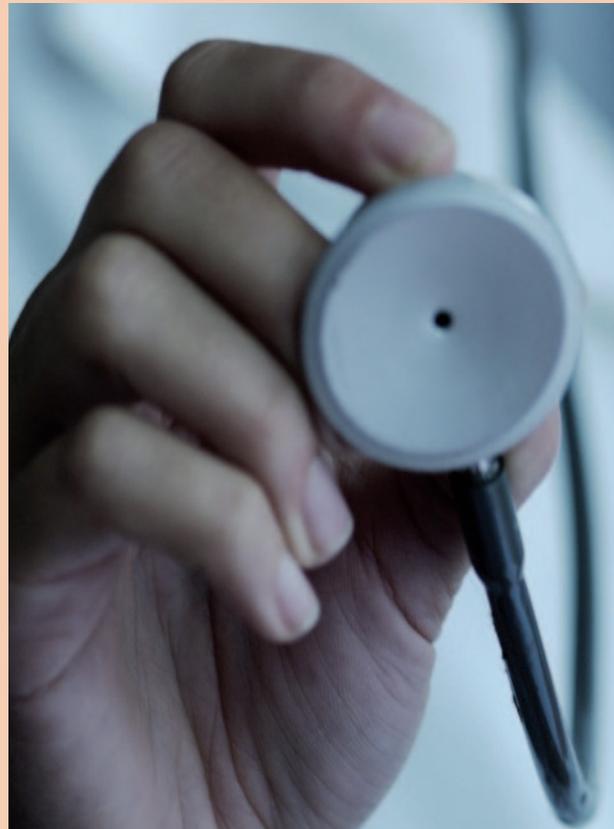
<sup>5</sup> Ovídio. *Amores*. III. 7-10. Tradução de João Ângelo de Oliva Neto.

**Fernando Gorab Leme**

Graduando do curso de Letras pela Universidade de São Paulo

## A arte de curar

Wilhelm Kenzler



Disponível em: <<http://www3.uma.pt/blogs/box-m/wp-content/uploads/2007/10/doctor.jpg>>.

Ouvir de verdade, ouvir a melodia do ser...  
Perceber o tema, a essência do humano viver.  
Discernir a dissonância do doentio padecer...

Sintonizar o poder do seu sadio querer.  
Entender, compreender, bem querer...  
Empatizar, se identificar, bem afinar...

Para, então, e só então

Falar, dialogar, diagnosticar

Sugerir, intervir, agir.

Tratar, medicar, operar...

Com clara firmeza e suave delicadeza,  
Com profunda certeza e harmônica beleza,  
Reavivando a verdade; científica, fria, dura,  
Com estética, artística; com bondade, com ternura.



## Lá se vão cinquenta anos

*Discurso oficial na solenidade de comemoração do 50º Aniversário de Formatura da Quarta Turma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo*

**Manoel Ignacio Rollemberg dos Santos**



*O “ribeirão preto”, que emprestou seu nome à cidade*



*Portão monumental do campus, com o prédio principal da Faculdade de Medicina ao fundo (1959)*

É com emoção que minhas primeiras palavras, entre angustiadas e aflitas, têm em mente nossos queridos e fraternos colegas, cuja mão imponderável e inflexível do destino separou de nossa convivência, ao trazer uma saudosa lembrança daqueles seis anos inesquecíveis, tempos ditosos em que convivemos em união na incansável luta diuturna em busca de uma almejada formação profissional, que graça e forma, proporcionada por esta invejável faculdade, da qual tivemos a honra e o privilégio de pertencer. Deixam uma imorredoura lembrança, restando-nos, neste final de jornada, a presença inelidível de sua memória. Durante o curso, Guy, Julio, Marcolini, Strenger, Rolando, Mucio, Guido Hetem, Morita, Mekler, Bosco, Raya, Israel e França foram ficando paulatinamente pelos caminhos incertos e indomáveis da existência, deixando em nós uma saudade imperecível.

Sei o quão difícil é fazer uma avaliação após esses cinquenta anos. Tudo se apresenta como um filme hollywoodiano, em que a história, tal qual num passe de mágica, vai nos levando gradativa e suavemente ao princípio, no qual a presença de todos nós permite, como que por encanto, ressurgirem das névoas de um passado recente as lembranças, num misto de nostalgia e espanto ante aquelas verdadeiras lutas e percalços, em que fomos os reais protagonistas e que nos marcaram indelevelmente.

Por essa razão, peço permissão para tomar a liberdade de fazer algumas digressões, tendo como atores desta bela história nós mesmos. O França, que o Luizinho teimava em chamar de “Pança”, consequência de sua voracidade alimentar só comparável à do Miltão, foi, antes de tudo, um grande “praça”, alegre e otimista, como a maioria da turma. Uma de suas pérolas se deu na recém-introduzida cadeira de Medicina Preventiva, ao tempo em que a vacina Salk surgia como grande esperança na prevenção da poliomielite, fato ainda nebuloso e pouco explicitado em aula, mas incluído como matéria de exame. França respondeu a uma dessas questões como imaginava: mais ou menos “no chute”, ao que o Professor Pedreira de Freitas respondeu, com seu costumeiro sorriso gozador: “O senhor tem oitenta por cento de razão”. França esfregou as mãos, como posteriormente nos contou, porque, afinal, com essa porcentagem, estaria salvo. Mas a resposta não foi nada animadora: “O senhor vai me prometer”, disse o Professor, entre risos, “que estudará na segunda época!”. Mas, ao final, França “tirou de letra”.

Após o término do curso, tivemos a oportunidade de aperfeiçoar nossa formação profissional por meio de uma pós-graduação, nos alvares de nossa atividade médica, misto de residência, nas enfermarias da vetusta Santa Casa de São



*Prédio central da Faculdade de Medicina ao fundo (1959)*

Paulo, antes da criação de sua tão almejada Faculdade de Ciências Médicas, velha reivindicação de seu corpo clínico, do qual participamos ativamente, e que, no dizer do Professor Zeferino Vaz em sua aula inaugural, foi a primeira no Brasil, tal qual uma tradição da Velha Albion – forma como gostava de referir-se à Grã-Bretanha – a criar uma faculdade de medicina dentro de um hospital.

Meses depois, tivemos de voltar a Ribeirão em busca de documentos imprescindíveis aos tramites do exercício profissional, incompletos à época de nossa diplomação. Raciocinando com a burocracia própria da Capital, imaginamos que necessitaríamos de, pelo menos, dois dias. Qual não foi nosso espanto ao conseguir quase todos eles em uma manhã.

Como não podia deixar de ser, resolvemos rever a “Única”, naquela esquina tradicional, ponto de encontro à noite em todos aqueles anos, onde esperávamos encontrar algum antigo colega ou pelo menos algum conhecido. Exatamente aquele local fora o nosso informativo, onde o Labé, com sua lambretta, trazia-nos da faculdade as notas das provas, colando-as na parede externa do tradicional café. Qualquer passante talvez ficasse surpreso ao ver aqueles estudantes diante de um papel a dirigir impérios, creio que palavras inclusive pouco ortodoxas, diante daqueles rabiscos aparentemente indecifráveis.

Se você quisesse encontrar alguém, era ali mesmo. Alguns nem sempre compareciam, como o Antenorzinho, que gostava de passear em carrões importados com a juventude dourada da cidade, da qual fazia parte, sempre bem acompanhado, evidentemente. Mas, naquele dia, não encontramos ninguém. Aquilo nos deu um aperto. Significava, na realidade, que o nosso tempo havia passado. Tomamos o célebre café, que nos desceu “quadrado”. Saímos incontinentemente em direção à Cometa e voltamos imediatamente a São Paulo. Tempos depois, deixou definitivamente São Paulo, para dedicar-se à sua clínica em Osasco, onde brilhavam Nubia e Rosseti. Nunca mais o vi.

Da república da “Catarina”, Terzi visitava-me quando vinha de férias dos *States*, louco por um arroz com feijão, que não tinha em sua casa. Dentre os outros ilustres representantes daquele “clube” invulgar, havia Demétrio, sempre presente em nossos encontros eventuais, com sua habitual flegma de lorde. Miltão comparecia raramente, sempre afobado. Com Ulisses, encontros inesperados. Certo dia, em Atenas, ao abrir a porta do elevador do hotel, dei de cara com Irene.

Depois, virou festa. Guido Hetem era o mais animado às vésperas da primeira FOF x Med. Até então, os universitários da Faculdade de Farmácia e Odontologia eram os “donos do pedaço”, que viram seu reinado seriamente ameaçado pelos novos acadêmicos da “Medicina de boina amarela”. Criou-se um inevitável conflito, misto de inveja e talvez “dor de cotovelo”, que teve seu ápice na competição esportiva. Eles tinham, no mínimo, cinco vezes mais alunos que a Medicina, que sequer havia saído da quarta turma – a nossa. Verificou-se que, entre outros destaques, nosso grupo era muito fraco na natação. Imediatamente, Guido convocou todos a treinar, sob a supervisão do técnico da Recreativa. Não podia haver perda de tempo.

Pessoalmente, nunca havia entrado em uma piscina regular. Na minha terra, nadávamos, para o gasto, em rios pouco caudalosos, riachos ou lagoas. Mesmo assim, atendemos ao chamado. Orientados pelo técnico, fizemos nosso primeiro teste em grupos de três. Ao sairmos da piscina, encontramos o técnico com as mãos na cabeça, dizendo: “Vocês não dão para a coisa”. Havíamos saído de uma borda e, em vez da orientação em frente, fomos dando empurrões uns nos outros, sem nenhuma noção de direção, parando, por fim, na borda lateral. O Guido resolveu, então, ele mesmo fazer o teste. Pulou n’água, indo até o fundo. O Jamil Muçouçah, que tudo observava, comentou com o Faggioni: “Acho que ele está se afogando!”. Pulou n’água e puxou o quase afogado pelos cabelos. Daí seu sugestivo apelido, Peixe Pregado. Quem acabou brilhando foi a dupla Barraca e Gerinha, apesar de o primeiro fumar desbragadamente; os dois venceram a prova mais difícil do nado de peito. Mas, ao cabo, perdemos na contagem final, com a vitória da FOF. Eles estavam finalmente vingados.



*Calouros (1955)*



*Rolleberg entrevista o Professor Bernardo Houssay,  
Presidente de Honra do 1º Congresso Médico da Associação  
Médica Brasileira – Ribeirão Preto (1956)*

Às vezes, estudávamos com os colegas da república do Raya, na companhia de Cunali e Minoru, este com seu indefectível “*Oh! Yes!*”. Minoru mais parecia um céberbo, não admitindo nenhuma dúvida ou esclarecimento, salvo quando o Raya lançava-lhe seu olhar enviesado.

Na competição feminina, de início, tínhamos um grupo de cinco, com Valeriana, Maricô, Silvia, Maria Helena e Núbia, que se destacava no basquete e no atletismo. Com a saída da Maricô, nosso time feneceu.

Dúvidas de qualquer espécie, bem como sobre qualquer assunto, eram prontamente esclarecidas por Paulinho. Pelo menos foi o que afirmou o Raya, na ocasião em que viajaram juntos para comparecer a um churrasco em São Paulo, que organizamos com Núbia. Deveria, porém, ter um fundo veraz, já que não houve constestação. Com o Raya, reorganizamos o “Esteto”, o jornal oficial do Centro Acadêmico, dando-lhe uma orientação firme e precisa. De cada um, uma lembrança: Teruel e seu sonho de difundir o ensino à nação; Michel em sua inesquecível conferência após o trote, a qual, devido à sua pronúncia alterada pelos eflúvios etílicos, ninguém pôde entender. Acredito que nem ele. Ruy, sempre sóbrio. Argemiro e o seu Citroën preto. Oswaldo, sempre presente – religiosamente. Ailton, o becão de raça. O ar professoral do Santoro. “Créo”, como chamava o Fiorillo. Habib, o craque do xadrez. Lucas, Fraguas. Javan – o grande tradutor. Guido Trigo, sempre se deslocando da distante Bolívia. Uma turma batuta!

Agora, se me permitem, uma palavra sobre a ilustre dama riberopretana, Sinhá Junqueira. Sua casa, um palacete deslumbrante para a época, na Praça XV, possuía, entre outras, uma famosa criação de pavões, *status* das casas principescas, quando uma das aves por pouco foi parar nas caçarolas do *chef* da Cantina 605. Mas isso é uma outra história. Na época, foi o único local apropriado para receber o presidente Kubitschek em sua visita a Ribeirão Preto.

Dona Sinhá não teve filhos, o que lhe produziu uma enorme frustração. Construiu, então, na parte alta da cidade, à época, próxi-

mo à saída para Gaturamo ou Bonfim Paulista, ao lado do local mais sofisticado – a Avenida Nove de Julho –, aquela que deveria abrigar as parturientes mais desprovidas de recursos, embora carecendo de uma completa infraestrutura médica e de apoio financeiro. Graças à perspicácia do Professor Zeferino Vaz e da compreensão e do descortino da ilustre dama, foram criadas as condições ideais para o funcionamento de um perfeito Hospital de Clínicas, atendendo igualmente aos propósitos e desejos da grande dama.

Um fato pouco difundido ocorreu no início do governo Jânio Quadros, quando a faculdade passou por alguns abalos. Inimigo de Ademar de Barros, teimava em nomear o superintendente do Hospital das Clínicas, em que pese todos os procedimentos corretos, na suposição de que o Dr. Paulo Gomes Romeo fosse uma indicação com chancela ademarista. As coisas estavam nesse pé quando uma comissão de alunos foi composta, com o fito de tentar demover o trêfego governador. Tudo em função da intriga de um jornal da Capital – *O tempo* –, que procurava envenenar a administração, não sabemos por que motivo ou por ordem de quem. Depois da espinafração inicial, o presidente do centro acadêmico, muito polidamente, pediu a palavra, discordando dos argumentos janistas, justificando que o nosso intuito era a nomeação de um superintendente. Se não fosse aquele, que nomeasse quem achasse melhor. Nomeou-se imediatamente o novo superintendente, para nosso espanto e surpresa: Dr. Paulo Gomes Romeo!

Doces lembranças... Inesquecíveis recordações!

De certa feita, Valeriana comentou, com toda sua graça e seu jeito doce de falar, que, bem à frente, nossas futuras reuniões iriam nos encontrar bem velhinhos! Alguns até com bengalinha.

Lembrei-me, então, do poeta:

*Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...*

*O homem, a fera e o inseto à sombra delas  
Vivem, livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.*

*Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo! Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem:*

*Na glória da alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Trata-se do poema *Velhas árvores*, de Olavo Bilac.

20 de novembro de 2010

**Manoel Ignacio Rolleberg dos Santos**  
Médico cirurgião

# Quando a paz reinará?

**Erica Midori Shimizu**

Conta a história que Sadako Sasaki tinha dois anos quando fora atingida pela chuva radioativa da bomba atômica. Aparentando, na época, estar normal, aos doze anos desenvolveu leucemia, decorrente da radiação recebida da chuva.

Sua melhor amiga contou-lhe a lenda do *tsuru*<sup>1</sup>, propondo, então, que ela dobrasse mil *tsurus*, na intenção de obter a cura. Dobrando os pássaros, Sadako dizia a eles: “Eu escreverei ‘paz’ em suas asas, e vocês voarão o mundo inteiro”.

Mas ela não teve forças para dobrar os mil pássaros; havia dobrado novecentos e sessenta e quatro quando veio a falecer. Seus amigos de classe completaram os *tsurus* que faltaram a tempo para seu enterro, iniciando, então, uma campanha nacional para construir um monu-



mento em sua memória. Em 1958, três anos após a morte de Sadako, foi inaugurado o *Monumento da Paz das Crianças*, no Parque da Paz, em Hiroshima.

A história de Sadako ilustra bem a criatividade e a esperança das crianças ante o medo da guerra e da morte. Mas será que as atividades para se criar um mundo pacífico só estão nas mãos das crianças? Será preciso que mais bombas explodam para que o homem compreenda os desastres que ela causa?

Somente quando o ser humano *acordar* para a realidade é que o mundo poderá *respirar* a paz almejada.

**Erica Midori Shimizu**

*Redação ganhadora da Exposição Hiroshima e Nagasaki, apresentada pela escola E.E. Professor Eulália Malta – Embu, em agosto e setembro de 2010*

<sup>1</sup> Conta a lenda do *tsuru* que aquele que fizer mil dobraduras desse pássaro com o pensamento voltado para aquilo que almeja terá seu desejo realizado.

## Academia de Medicina de São Paulo

### Declaração de abertura de vaga

1 – De acordo com o art. 38 do Estatuto, o Presidente da Academia de Medicina de São Paulo declara que estão abertas as inscrições para preenchimento das cadeiras vagas.

2 – As inscrições deverão ser feitas na Secretaria da Academia, à Av. Brigadeiro Luis Antônio, 278, 6º andar, até o dia 10 de junho de 2011.

3 – Para concorrer à vaga de membro titular, são necessários os seguintes requisitos:

- a) ser brasileiro nato ou naturalizado;
- b) estar no gozo de seus direitos civis e políticos;
- c) estar habilitado, segundo as leis do País, para o exercício da Medicina, pelo menos há 15 anos;

d) exercer a Medicina no Estado de São Paulo, estando inscrito no Conselho Regional de Medicina de São Paulo, há pelo menos dez anos;

e) não constar em sua história profissional qualquer transgressão de ética devidamente comprovada;

f) inscrever-se no prazo estipulado, apresentando memorial contendo o *curriculum vitae*, em cinco vias.

**Affonso Renato Meira**  
Presidente

#### ERRATA:

No pé biográfico do texto *Medicamento aos idosos*, de autoria de Luiz Freitag, presente na edição nº 223, leia-se: *geriatra* e autor do livro *Como transformar a terceira idade na melhor idade*.

#### DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira, Arary da Cruz Tiriba, Rubens Sergio Góes e Luiz Fernando Pinheiro Franco

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*